

PREÂMBULO

O PROSSEGUIR EM MEIO AO COMBATE

*“O que a vida quer de nós é coragem”
(Guimarães Rosa)*

Como combater o próprio vazio, nossas frustrações, ansiedades? Como caminhar em meio à ferrenha, extravagante batalha existencial e seus escombros?

Partilhamos um universo de luzes, cores, peças bufantes, exotismos, filodendros, futilidades quantas.... Somos extorquidos, coisificados, aprisionados pelas redes sociais, pelos tentáculos do Estado e do capital avassalador. O mundo da rapinagem, da bisbilhotagem, da hipnose coletiva, onde nossa inteligência é subestimada, nossa consciência abduzida por falácias, robotizações, radicalismos, ideologias abusivas, paranoias de toda ordem. Parafernália, lavagem cerebral onde especialistas e gênios sediciosos nos prometem salvação, cura, migalhas de poder, o éden, verdades políticas, religiosas, econômicas, produtos e serviços os mais miraculosos!

Como sobreviver à avalanche de interesses escusos, de violências, o terror e mentira institucionalizados? “Cavalgue seu cavalo na lâmina da espada e se esconda entre as chamas” nos receita o mestre tibetano Patrul Rimpoche.

A saída – o investir em conhecimento, criatividade, simplicidade, em melhoria da identidade e redescoberta de nosso ser. O trilhar a estrada da virtude, inspirando-nos no trabalho dos grandes iniciados santos e benfeitores da humanidade, dedicando-nos assim à honra, liberdade, consciência. Empunhar a espada da perseverança, coragem o avental da dignidade e do labor profícuo. Entendermos que, por maior o poder, toda experiência e ciência, tudo é transitório, mutável em termos materiais, existenciais. Dos faustosos impérios do passado só restaram lembranças, muitos deles sequer pedra sobre pedra. As leis a serviço do egoísmo e prepotência, poderes cruéis que oprimem a humanidade, nada são ante a passagem do tempo e a Onipotência Divina. E, um dia, elas serão ruínas!

Resultados ocorrem somente com ações, iniciativas, pessoas e se realizam por força da inspiração, consistência, capacitação, valorização de talentos, estratégias, gestão, espiritualização. O olhar à frente, a prática da escuta, empenho, atenção para com o humano, o social e o espiritual.

“Nas grandes batalhas da vida, o primeiro passo é o desejo de vencer”. (Mahatma Gandhi).

Capitão Manoel Lopes de Oliveira

No Século XVIII a Coroa Portuguesa ainda distribuía “terras virgens” para ocupação no Brasil Colônia. E entre os beneficiados esteve o Capitão Manoel Lopes de Oliveira. Eram dele, aliás, terrenos na “Paragem do Rio do Peixe” – e ela tem tudo a ver com nossa região. Leia outras informações em pesquisa publicada no nosso boletim.

Pág. 4

Golaços do futebol amador

“Era viável escolher um time do coração em sua cidade natal, e isso o futebol amador proporcionou. Ganhava importância pela proximidade, pela sensação de pertencimento proporcionada, pelas rivalidades e manifestações de individualidade social. O povo da terra participava buscando a notabilidade e a distinção, principalmente os jovens, pois assim o esporte exige. Cruzeiro e Tupinambás contam a história. Seu confronto era o centro de gravidade de todo este mecanismo”.

Pág. 8

Muito além do Café com Biscoito

O cheiro da típica bebida mineira servida na xícara; e o de biscoitos saindo do quentinhos do forno já são mais que suficientes para atrair olhos, corações e paladares para São Tiago. Mas muito além dos quitutes tradicionais, o município tem diversas razões para cativar visitantes na cidade e no campo; para descanso e movimento.

Pág. 14

Varal de Histórias

“Era mais uma manhã ensolarada na nossa terrinha. Na cozinha de chão batido, como de praxe, minha avó tomava o seu café recém passado acompanhado da inconfundível broa de fubá — receita ensinada a ela pela bisá Esméria. Envolvido pelo ar fresco da aurora, aquele era o aroma que me despertava diariamente”.

Pág. 16



ADIVINHAS

- | | |
|--|--|
| 1) Estou na noite e no dia
Na inundação e no estio
No inocente e no diabo
E estou no meio do rio. | 2) Nos felinos eu sou forte
Nos homens nem tanto assim
Nas mulheres sou enfeite
Os nervosos me dão fim. |
|--|--|

Respostas: 1) A letra i; 2) As unhas

Provérbios e Adágios

- Ovelha que bale perde o bocado.
- Panela que muitos mexem, a comida sai crua ou sai queimada.
- Pai rico, filho nobre, neto pobre.
- Malha-se o ferro enquanto ele está quente.
- Mais vale um gosto que quatro vinténs.
- Quando soprar o vento, içar a vela.

Para refletir

• “Os grandes acontecimentos históricos não dependem de forma alguma da vontade de algum indivíduo em particular nem sequer de personalidades poderosas como Napoleão. Ao contrário, os acontecimentos já estão predeterminados.

A história não é escrava de reis, mas ao contrário, os reis são escravos da história. Através de um acontecimento histórico, não há jamais uma única razão causal, mas todo um conhecimento de razões e todas elas ficam fora do controle de um só indivíduo”.

Leon Tolstoi, citado por Ernest J. Simons – obra “Forjadores do mundo moderno” vol. II

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Diéle.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Maria Luiza Santiago de Paula

Revisão: Fábio Antonio Caputo e

Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável:

Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

Realização:



Apoio:



AO PÉ DA FOGUEIRA

O PREÇO “ESPECIAL”

Em tempos idos – e ainda ocorre o inusitado fato – muitos profissionais autônomos e até mesmo comerciantes estabelecidos cobra(va)m seus serviços e mercadorias de acordo com a “cara” do freguês. Seja porque o cliente era tido como rico ou porque não lhe era simpático (adversário político, por ojeriza pessoal, porque o santo não combinava, por extravagança pessoal), qualquer que fosse a pretensa, inexplicável razão, o oficial – seja barbeiro, ferreiro, seleiro, sapateiro, carpinteiro, estofador etc. – muitas vezes o único do lugar, tinha lá seus preços “especiais” ou “salgados” para alguns fregueses. Isso quando simplesmente, por mero capricho ou picardia, deixava de atendê-los. Mania, distúrbio emocional, preconceito, revolta íntima, psicopatia, impulsividade, sabia-se lá o motivo de tais atitudes.

Observa-se, percebe-se o fato ainda quando se trata de carretos, da venda de alguma mercadoria como madeira, serviços de oficina, surgindo a capciosa pergunta: - Para quem é? Só depois, sabedor de quem é o comprador ou tomador dos serviços, é que vem a resposta. Ou melhor, o preço.

Chiquinho Rocha, conhecido trabalhador braçal, atuava, por aqueles dias, na propriedade de São P., no árduo serviço de arrancar pedras destinadas à construção de um muro de arrimo – serviço hoje, aliás, realizado por máquinas. O atrito com as pedras, como se sabe, desgasta bastante e implacavelmente as ferramentas utilizadas, quaisquer que sejam elas: picareta, enxadão, chibanca... O trabalhador, após alguns dias de labuta, informa ao dono a necessidade de amolar a chibanca, já muito rombuda. Vazar é o termo mais utilizado, no sentido de afiar, polir, lapidar. Oferece-se para levá-la ao final do expediente à tenda de ferreiro, cidadão temperamental, ácido, em bairro próximo ao centro da cidade. Lá chegando, o ferreiro dá uma ligeira olhada, orçando o preço do vazamento em cerca de cinco reais. O arrancador diz: - vou saber do patrão se posso confirmar o serviço.

- Mas quem é seu patrão?

- São P...

- O quê? Esta chibanca é dele? Prá ele, o preço é bem outro: trinta reais o conserto...

(Naqueles tempos, uma chibanca nova custava cerca de 8 reais)





Era o ano de 1963, dezoito de agosto, quando a monumental construção da Sede Social Santiaguense vinha resolver o sonhado desejo de muitos são-tiaguenses que era ter um local amplo para seus bailes.

Os filhos desta terra sempre foram dançarinos, festeiros e alegres. Por muitos anos divertiram-se nos bailes do Joaquim Campos, do Beco, do Carlos Almeida na “Garagem”, sempre desejando um salão mais espaçoso e mais confortável.

Um grupo de cidadãos, entusiasmados, juntou-se formando uma sociedade para construir o Salão de Bailes. Adquiriram o terreno da Sra. Mercês do Carlos e ali edificaram a Sede Social Santiaguense.

O telhado foi o mais difícil da obra, em virtude da grande área livre, sem pilares. Quem assumiu e resolveu a construção do madeiramento foi o “Tinarinho” (avô do Wellington, músico e professor do Centro Artístico e Cultural).

Assim foi consolidado o sonho que marcou época com animadíssimos carnavais, bailes de formatura e bailes das festas de ju-

lho e agosto.

Sempre servindo à comunidade para eventos diversos, a Sede Social Santiaguense tornou-se orgulho para todos nós.

Já sofreu várias reformas, ampliações e continua sua missão.

A comunidade reverencia e agradece aos seus fundadores.

Diversas diretorias ali já passaram dando o melhor de si para o entretenimento dos são-tiaguenses e dos visitantes.

Como não lembrar do Sr. Joãozinho Coelho, o Blair, Ivanir Mendes, Ilton Mendes, Edilson Barbosa, Célia Marques, José Juca no comando e no trabalho da Sede em seus momentos animados e festivos.

Hoje, sob a direção de Alysson Caputo de Sousa e demais membros da diretoria e o trabalho dedicado da Ana Paula, a Sede Social segue seu destino servindo e alegrando a nossa gente.

Cairu
Membro do IHGST

Espaço é Festas

Uma nova história surgiu em São Tiago. Já tivemos momentos ousados como a construção do nosso Hospital, da Vila Ozanan, da Sede Social Santiaguense, Salão Paroquial, Hotéis, igrejas, quadras esportivas e tantas outras obras que compõem a vida do São Tiaguense num ambiente humano, alegre e confortável.

Recentemente (2015) nossa cidade ganha um novo espaço para festas, encontros, eventos diversos com mais amplitude, estruturas adequadas, num espaço privilegiado em meio à natureza.



Surge o “É Festas” – que em pouco tempo já tem muita história para contar.

É o que faltava em São Tiago para abrigar grandes eventos.

A construção da Sede Social Santiaguense (1963) foi uma extraordinária realização para a época. Vimos surgir um espaço amplo para nossos bailes, carnavais, etc.

Para um povo festeiro, como os são tiaguenses, continua a SSS com sua importância, boa localização, mas já não comportando os grandes eventos.

Dada a necessidade de mais espaço, surge o salão “É Festas” com capacidade para 1947 pessoas.

Este suntuoso local é o resultado do sonho e planejamento de um grupo familiar composto de sogro, genros e esposas que decidiram edificar um espaço diferente, para uma lotação nunca vista em São Tiago, em local arretirado da cidade, sem ferir o meio ambiente e sem perturbar a vida dos cidadãos.

Ali grandes eventos já se realizaram: casamentos, shows, encontros, palestras, formaturas...

Muitos outros virão pois o “É Festas”, com a boa organização e bela estrutura de que dispõe, terá vida longa e muitos momentos bonitos para o conforto e alegria do povo de São Tiago e das cidades vizinhas.

É a nossa história ganhando novos personagens e novos capítulos.

Cairu - Membro do IHGST

CAPITÃO MANOEL LOPES DE OLIVEIRA – SESMEIRO / PARAGEM DO RIO DO PEIXE

O Cap. Manoel Lopes de Oliveira era natural da freguesia de São Pedro do Couto de Pedroso, bispado do Porto, filho de João Lopes de Oliveira e Maria Lopes. Morador na fazenda da Borda do Campo onde requereu sesmaria em 1764. Proprietário de terras igualmente na Paragem do Rio do Peixe (São Tiago/Bom Sucesso) locais Barreado, Bananal. Capitão de Cavalaria de Ordenanças da Borda do Campo com patente em 1746. Casou-se com Ana Maria dos Santos aos 26-07-1743 na capela da Cachoeira em Barbacena e que fora propriedade de Manuel Dias de Sá, 1º marido de Ana Maria dos Santos. O Cap. Manuel Dias de Sá, por sua vez, era natural da freguesia de São Vicente de Louredo, bispado do Porto, filho de Silvestre Dias e Maria de Sá, naturais de São Vicente da vila de Feira. Falecido aos 21-04-1742, era igualmente oficial (capitão) de Cavalaria de Ordenanças da Borda do Campo. Dª Ana Maria dos Santos era filha de Antonio dos Santos Nunes (batizado na vila de Oeiras, patriarcado de Lisboa aos 24-02-1678) e s/m Maria de Mendonça Ribeiro (natural da Sé/RJ) casados aos 17-09-1797 na Igreja de São José, Rio de Janeiro. Dª Ana Maria dos Santos faleceu em 1746. provavelmente de parto. Casada, como vimos, em primeiras núpcias com o Cap. Manuel Dias de Sá aos 27-11-1731 e em 2ªs núpcias com o Cap. Manoel Lopes de Oliveira aos 26-07-1743. Foi inventariada em 1746 pelo viúvo Cap. Manoel Lopes de Oliveira (Iphan/SJDR Cx. 230).



Filhos do Cap. Manoel Lopes de Oliveira e Ana Maria dos Santos (2º matrimônio desta):

I – Maria Inácia de Oliveira, nascida aos 31-07-1744 e batizada aos 02-09 do mesmo ano na capela de Nossa Senhora da Piedade da Cachoeira (Barbacena). Casada aos 03-08-1764 com José Aires Gomes (ver Box), natural e batizado na freguesia de Nossa Senhora de Assunção do Engenho do Mato (posteriormente Chapéu d’Uvas, hoje Paula Lima pertencente a Juiz de Fora) e que viria a ser um dos envolvidos na Inconfidência Mineira. Um dos maiores potentados e latifundiários de que se tem notícia em Minas Gerais.

“Dos oito irmãos da esposa de José Aires Gomes, metade possuía terras na freguesia da Borda do Campo” (André Figueiredo Rodrigues - “Um potentado na Mantiqueira: José Aires Gomes e a ocupação da terra na Borda do Campo” USP, 2002, p. 37).

II – José Lopes de Oliveira, nascido aos 05-06-1746 e batizado aos 04-07 do mesmo ano na capela da Cachoeira, freguesia de Borda do Campo (Barbacena).

Filhos de Ana Maria dos Santos em seu 1º matrimônio quando foi c/c Cap. Manoel Dias de Sá, sendo que praticamente todos os filhos do casal se tornaram religiosos (à exceção de Inácio, que faleceu ainda criança): e ao que parece, esbulhados (pelo padrasto ou cunhado):

I – Pe. Manoel Dias de Sá, batizado aos 21-02-1734. Estudou a partir de 1743 no Seminário do Recôncavo da Bahia. Faleceu em Barbacena aos 11-10-1799.

II. Perpétua, nascida em 1732. Religiosa do Convento de Nossa Senhora da Ajuda no Rio de Janeiro, onde foi madre superiora, com o título de Sórora Perpétua de Sant’Ana. Herdou os bens (sobrepartilha) de seu irmão Antonio Dias de Sá, falecido aos 28-07-1763 no Seminário da Bahia.

III – Pe. Silvestre Dias de Sá, batizada aos 13-03-1735 na capela de Nossa Senhora da Piedade da Cachoeira (Barbacena) Estudou a partir de 1753 no Seminário da Bahia. Falecido antes de outubro de 1799 (testamento de seu irmão Pe. Manoel Dias de Sá) “...Pe. Silvestre, natural da mesma freguesia (Borda do Campo) possuía terras nas proximidades da fazenda da Borda onde desenvolvia práticas agrícolas. Mais tarde, essas terras foram incorporadas ao patrimônio de seu cunhado José Aires Gomes” (Rodrigo Leonardo de Sousa Oliveira – “Mão de Luva” e “Montanha”: bandoleiros e salteadores nos caminhos das Minas Gerais no século XVIII (Matas Gerais da Mantiqueira: 1755-1786” UFJF, 2008, p. 67).

IV – Antonio Dias de Sá, batizado aos 29-12-1737 na capela da Fazenda Borda do Campo. Estudou a partir de 1753 no seminário da Bahia, vindo aí a falecer aos 28-07-1763, habilitando-se os (seus) demais irmãos à sua sobrepartilha.

V – Inácio, batizado aos 15-08-1741 e falecido aos 06-11-1745.

VI - Pe. Joaquim Dias de Sá nasceu aos 09-12-1742 e batizado aos 17 do mesmo mês. Póstumo, pois seu pai tinha falecido aos 21-04 do mesmo ano.

• Bens de Raiz Inventário de Dª Ana Maria dos Santos:

Sítio chamado de “Francisco da Cruz” com casas de vivenda, rancho de passageiros que parte com terras da Cachoeira, Miguel Pereira, Alexandre Lopes com 21 alqueires de planta de milho.

Fazenda da “Cachoeira” de Manoel Lopes de Oliveira que parte com Constantino da Silva, Francisco Peixoto, Manoel de Sá Figueiredo com casas de vivenda, rancho de passageiros.

Capela de Nossa Senhora da Piedade.

Um moinho de fazer fubá e outro de farinha com seus fornos no valor de 7:900\$000.

Monte-mor 15:774\$443 dos quais 7:188\$372 é devido aos herdeiros do 1º casamento.

(Fonte: Projeto Compartilhar / Inventário – Ana Maria dos Santos)

Com a morte de Manuel Dias de Sá, a sua esposa Ana Maria dos Santos casou-se com o tenente coronel Manuel Lopes de Oliveira, com o qual tiveram dois filhos – José Lopes de Oliveira e Maria Inácia de Oliveira, futura esposa de José Aires Gomes. Com a morte de Ana Maria, Manuel Lopes solicitou às autoridades metropolitanas carta de sesmaria da fazenda da Borda, pois tinha a intenção de legitimar as posses adquiridas com o matrimônio. Obteve o documento em 30 de outubro de 1749. Assim o patrimônio da fazenda passou às mãos, em definitivo, para a família Lopes. Durante o tempo em que esteve vivo, expandiu sobremaneira as suas posses na região, chegando a aparecer como senhor e possuidor de terras já no ano de 1745. Das 174 cartas de sesmarias doadas na região da Borda do Campo ao longo dos setecentos, o mesmo (Lopes) foi agraciado com 5 documentos. Além disso, apossou-se de outras terras como na paragem chamada Quilombo e empreendeu nova solicitação à Coroa de mais três léguas de terras nos sertões da Mantiqueira...” “Em 1748 solicitou mais três léguas de terras na mesma localidade por ser senhor e possuidor de matos e capoei-

ras no sertão das Gerais e paragem chamada Bananal, termo da vila de São João Del-Rei” (SCAPM Códice 146, fls. 151v-153 – SCAPM Códice 90 fls. 196v-197v) (Rodrigo Leonardo de Sousa Oliveira – “Mão de Luva” e “Montanha”: Bandoleiros e Salteadores nos Caminhos de Minas Gerais no século XVIII (Matas Gerais da Mantiqueira 1755-1786) UFSJ, 2008, p. 69).

Bananal – hoje terras do município de Bom Sucesso e que, então, se estendiam até o atual distrito de Mercês de Água Limpa/São Tiago.

• “Sabemos que, além de homem de negócios, entre 1747-1747, Manoel Lopes de Oliveira, morador na Borda do Campo, foi capitão de cavalaria da Companhia de Ordem de Borda do Campo e entre 1765-1766 almejou o cargo de tenente-coronel dos Dragões da Cavalaria Auxiliar da Comarca do Rio das Mortes. Contudo, outros elementos nos chamam a atenção. Em 28-05-1749, recebeu a mercê de uma sesmaria de meia légua “adiante da sesmaria de Santo Antonio a mão esquerda indo destas minas para a cidade do Rio de Janeiro”. Mesmo a localidade geográfica não sendo muito clara, podemos assegurar que a dita propriedade estava na mediação do traçado do Caminho Novo por duas razões: estava em Borda do Campo, área cortada e surgida em decorrência deste caminho; e pela indicação de “mão esquerda indo destas Minas para o Rio de Janeiro” sugerindo um lugar próximo de uma estrada ou via.

Assim como Francisco Gomes Ribeiro, por volta de 1764, solicitou uma licença para montar um engenho de moer cana de açúcar e em 14-01-1765 recebeu outra sesmaria na paragem do Rio do Peixe no termo da vila de São João Del-Rei (Arquivo Histórico Ultramarino/Projeto Resgate – MG – Cx. 92, doc. 35 / AHU-Projeto Resgate- MG Cx. 83, doc.21).



FONTES:

• João Victor Diniz Coutinho Pollig – “Apropriação de Terras no Caminho Novo” Rio de Janeiro, UNIRIO/UFRJ, 2012, pp. 170/171).

• Ana Maria Nogueira de Resende – “Fluxos Globais no século XVIII”.

Há o registro de outro requerimento do Ten. Cel. Manoel Lopes de Oliveira, datado de 09-03-1768 solicitando carta de confirmação de sesmaria de meia légua em quadra na paragem chamada Rio do Peixe, termo da vila de São João del-Rei, comarca do Rio das Mortes (Biblioteca Digital Luso-Brasileira Projeto Resgate MG 1680-1832 - 2016 – 04.14T21-5941Z).

• “Conforme requerimento de pedido de sesmaria solicitado pelo Capitão Manoel Lopes de Oliveira em 08 de março de 1752, a estrada (Picada de Goiás) encontrava-se desativada justamente pela violência dos quilombolas e de outros bandidos que passavam pelo caminho “...na Paragem do Campo Grande, na picada em que tinha sido estrada para Goiás e que ao presente se achava por frequentar” (Ana Maria Nogueira Rezende – “Fluxos Globais no Sécu-

lo XVIII – a produção do *modus vivendi* e *operandi* no entorno da Estrada Real Picada de Goiás” Belo Horizonte, UFMG, 2017, p. 89).

“Em 20 de março de 1752 foi concedida ao Capitão Manoel Lopes de Oliveira pelo governador José Antonio Freire de Andrade uma sesmaria no atual município de Oliveira/MG com extensão de “... três léguas de terra na paragem do Campo Grande da Picada em que tinha sido estrada para Goiás...” RAPM XIX pp.425/426 (Rezende - op. cit. acima p. 100).

“Outro exemplo de sesmaria foi aquela solicitada pelo Capitão Manoel Lopes de Oliveira (RAPM 1988 (1924) pp. 425, 426) a José Gomes Freire de Andrade (...). Ele concede: ...ao suplicante por sesmaria três léguas de terra na paragem do Campo Grande da Picada de Goiás, que ao presente se achava por frequentar e como se mostra não terem dúvida alguma: me pedia fosse servido mandar lhe passar Sesmaria de três léguas por em sertão e para criar gado (...) Hey por bem fazer mercê como por esta faço de conceder em nome de Sua Majestade ao dito “Capitam Manoel Lopes de Oliveyra” três léguas de terra de comprido e meia quadra por ser “Certão” na referida Paragem, de tanto em ela se compreender, dentro das confrontações assima mencionadas, fazendo pião aonde convier em que semelhante extensão e proibida pelas ordens do dito senhor, porque só conforme elas é que lhe concedo a referida sesmaria com declaração, porém, que será obrigado de um ano, que contará da data desta, ademarcá-las judicialmente, sendo para esse efeito notificados os vizinhos, com quem partirem as ditas terras, para alegarem o que for bem de sua justiça e o será também a povoar e cultivar as ditas terras ou parte delas dentro em dois anos...” RAPM 1988 (1924) pp. 425/426 (Rezende – op. retro citada, p. 148).

• Segundo o historiador Tarcísio Martins, com relação à sesmaria concedida ao Capitão Manoel Lopes de Oliveira na picada em que tinha sido entrada para Goiás “esta carta de sesmaria é de 14 de dezembro de 1747 e ficava na “paragem chamada quilombo, vizinha de Francisco Peixoto e Constantino da Silva” (“Quilombo do Campo Grande – História de Minas que se devolve ao povo” p. 807). Segundo o Centro de Estudos Mineiros, Acervo da Família Andrada – CEM/AFA/PF Cx. 3 P7 – Carta precatória fls. 32v/36 e consoante o inventário de D^a Ana Maria dos Santos, tal propriedade, situava-se na serra da Mantiqueira.

• O Cap. Manoel Lopes de Oliveira era, pelo que se deduz a partir de relatos de historiadores, um açambarcador de terras, tornando-se o maior potentado, ao lado de seu genro José Aires Gomes, da região da Mantiqueira, embora fosse o responsável pela repressão às invasões nas chamadas “áreas proibidas”. Um autêntico lobo tomando conta do galinheiro, o que é típico da administração pública brasileira até os dias atuais! “O movimento de ocupação ao longo da Mantiqueira, local vedado para desbravamento, foi seguido pela abertura de picadas. A administração colonial no governo interino de José Antonio Freire de Andrade (1752-1758) passou a tomar conhecimento do deslocamento dos colonos. O alferes João Carvalho de Vasconcelos, destacado na patrulha do Caminho Novo, ordenou ao capitão Manoel Lopes de Oliveira, morador da Borda do Campo, que notificasse as pessoas contidas em uma relação, a fim de que cessassem a abertura dos caminhos” (Patricio Aureliano Silva Carneiro – “Conquista e Povoamento de uma fronteira: a formação regional da Zona da Mata no Leste da Capitania de Minas Gerais 1694-1835” UFMG, 2008, p. 98) “Em carta dirigida ao rei Martinho de Melo e Castro, Dom Rodrigo (José de Menezes) relatou que a ocupação ilegal das áreas proibidas na freguesia de Borda do Campo fora comandada pelo tenente coronel Manoel Lopes de Oliveira, que no governo interino de José Antonio Freire de Andrade enviou-lhe a notícia de que várias pessoas, a pretexto da necessária serventia para suas fazendas, entraram nos matos gerais por três picadas e que por elas poderia ocorrer contrabando de ouro” (op. cit. p. 101 – APM SC Códice 224, fls. 24/35).

• “...o alferes João Carvalho de Vasconcelos, um dos responsáveis pela referida patrulha (Caminho Novo) repreendeu algumas ações privadas de indivíduos estabelecidos nessa região. Tendo notícias de que alguns homens da Borda do Campo andavam abrindo pica-

das nos matos gerais do Rio de Janeiro com o pretexto de que estas eram de serventia para as suas fazendas, o referido alferes tratou de chamar a atenção do Capitão Manoel Lopes de Oliveira que era o responsável pela vigilância daquela área. Ordenava ao mesmo que notificasse as pessoas com o intuito de evitar a generalização de picadas clandestinas ao redor de suas terras. Na verdade, essa medida – paliativa – em nada adiantou, pois o referido Lopes empreendera uma política de expansão dessas terras segundo os seus interesses particulares. Tais ações foram seguidas pelo seu genro José Aires Gomes...” (Rodrigo Leonardo de Sousa Oliveira – “Mão de Luva” e “Montanha”: Bandoleiros e Salteadores nos Caminhos de Minas Gerais no século XVIII (Matas Gerais da Mantiqueira – 1755-1786) UFJF, 2008, p. 64).

JOSÉ AIRES GOMES

• O Cap. Manoel Dias de Oliveira vendeu a fazenda da Borda do Campo ao Cel. Francisco Gomes Martins e este, por sua vez, vendeu-a a José Aires Gomes, um dos inconfidentes, por 24 contos de réis, transação realizada no dia 02-02-1768. José Aires Gomes casou-se com Maria Inácia de Oliveira, filha do Cap. Manoel Dias de Oliveira, em 1785 (sic) (Fonte: Centro de Estudos Mineiros – Acervo da Família Andrada/Propriedade da Família – Cx. 3 P3 – Livros de Dívidas fls.1 –CEM/AFA/PF).

NR. D. Maria Inácia era filha do Cap. Manoel Lopes de Oliveira.

JOSÉ AIRES GOMES nasceu em 1734. Era o filho mais novo de João Gomes Martins e Clara Maria de Melo, consorciados no Rio de Janeiro em 1725, fixando-se na região de Palmira, hoje Santos Dumont (anteriormente nomeada como “Roça do João Gomes”, “Sitio do João Gomes”, fazenda esta constante de rancho de tropas e passageiros e onde nasceram todos os filhos do casal Gomes, a saber: Francisco Gomes Martins (o mais velho), Manuel Gomes Martins, Ana Joaquina de Melo e José Aires Gomes, o caçula).

Além da Fazenda da Borda do Campo, José Aires Gomes – que chegou a frequentar seminário e aspirar à carreira eclesiástica – adquiriu inúmeras outras propriedades, dentre elas as fazendas Calheiros e Mantiqueira⁽¹⁾. Tornar-se-ia o maior proprietário e monopolizador de terras da região, com glebas às dúzias e às glosas, expandindo seu império territorial de forma a assombrar e espantar o governador D. Rodrigo José de Menezes e seus ajudantes de ordens em 1781, quando penetraram os “sertões proibidos da Mantiqueira”, aí encontrando intensa exploração agrícola, mineral e de transportes executados por José Aires Gomes e familiares. Há que se frisar que José Aires Gomes nada mais fez do que seguir os passos de seu sogro, o Ten. Cel Manuel Lopes de Oliveira “motores de todas as discórdias e conflitos agrários na região” “ambos os responsáveis pela ocupação e exploração dos sertões proibidos da Mantiqueira a partir da segunda metade do século XVIII” (André Figueiredo Rodrigues – “A Ocupação e o Usufruto da terra nas propriedades do inconfidente José Aires Gomes na Borda do Campo – Minas Gerais – 1775-1796” p. 133).

“A grande concentração de terras na Borda e em suas adjacências teria sustentado o poder de mando local de Gomes, além de tê-lo tornado um temido e influente potentado, que conseguiria eliminar enormes parcelas de competidores locais, impedindo, assim, a constituição de outros domínios que pudessem rivalizar com o seu poder e prestígio. Seria o que Célia Nonato da Silva define como territórios de mando ou seja, espaços regionais de poder construído por um determinado potentado visando a constituir em suas terras um tipo de cultura de mando sustentada por uma tradição cultural e redes de solidariedade nas áreas rurais ou sertanejas”. “É interessante notar que os bens de raiz de José Aires foram avaliados em 46:400\$000 réis, a se-

gunda maior quantia dos bens devassados pela Coroa em decorrência do movimento da Inconfidência Mineira, o que demonstra que ele aumentara a sua fortuna durante os anos em que dominou grande parte das áreas adjacentes ao arraial da Borda” (Rodrigo Leonardo de Sousa Oliveira – “Mão de Luva” e “Montanha”: Bandoleiros e Salteadores nos Caminhos de Minas Gerais no Século XVIII (Matas Gerais da Mantiqueira 1755-1786) UFSJ, 2008, pp. 70/71).

“...as terras localizadas ao redor da Borda foram monopolizadas pelo citado Manuel Lopes de Oliveira e posteriormente pelo seu genro José Aires. O auto de sequestro dos bens deste último, levantado em decorrência de seu envolvimento no movimento da Inconfidência Mineira, corrobora com as nossas premissas. No dito auto, nota-se o poder econômico de Aires baseado em grandes propriedades na Borda e em outras localidades adjacentes (...) ...o referido Aires possuía um número considerável de escravos, totalizando a quantia aproximada de 112 cativos, distribuídos em propriedades localizadas na Borda. Além disso, o mesmo utilizava-se destes escravos em suas terras de culturas e de prospecção mineral. Apoiado nas atitudes de Manuel Lopes, Gomes, por meio de seus interesses privados, ludibriava as autoridades mineiras fazendo-as acreditar em que nas terras da Mantiqueira próximas à sua fazenda da Borda não havia ouro. Como consequência, além do mesmo ter adquirido um vasto patrimônio nessas áreas, os povos, conscientes das riquezas que poderiam advir desses sertões, empreenderam um processo de ocupação desordenada na Mantiqueira, o que provocou uma desorganização administrativa devido a formação de tais povoações” (Sousa Oliveira, op. cit. pp. 89/91).

Homem temido e poderoso, sustentava seu prestígio e poder de mando, mediante a expansão e concentração de seus domínios territoriais, eliminando competidores ou quem quer pudesse concorrer em termos de poder e prestígio com ele.⁽²⁾ Envolvendo-se com a Inconfidência Mineira e após receber a condenação real e seu banimento para o presídio de Inhambane (Moçambique) – onde morreria em 1798 – José Aires Gomes deixou instruções detalhadas, datadas de 06-05-1792, à sua mulher e filhos quanto ao conhecimento de suas dívidas, determinando que fossem expressamente quitadas e acertados todos os seus negócios, “pois podendo morrer no exílio”. A família sofreria, por sua vez, todas as agruras de confiscos e devassas em seus negócios por parte da Real Fazenda da Coroa, tormentos que afligiram quase todos os envolvidos na chamada “Inconfidência” ou “Conjuração Mineira”⁽³⁾.

NOTAS

(1) Uma leitura a grosso de documentos da época, apontam que José Aires Gomes e família eram proprietários de dezenas de propriedades na região do “Caminho Novo”, a saber “Engenho do Mato”, “Borda do Campo”, “Cachoeira”, “Calheiros”, “Fazenda Nova da Ponta da Serra da Mantiqueira”, “Xopotó”, “Engenho de São Sebastião”, “Passa Três”, “Acácio”, “Confisco” etc.

José Aires Gomes jactava-se ante os juizes de alçada que julgaram os crimes dos inconfidentes de ser o maior proprietário de terras da Capitania de Minas Gerais, algo confirmado por historiadores, a partir dos próprios documentos apreendidos pela Devassa, incluindo borradores e livros contábeis contendo/ discriminando a espantosa produção e os rendimentos auferidos pelas dezenas de propriedades do citado inconfidente.

Estudos demonstram que, à época, das 174 cartas de sesmarias distribuídas e demarcadas judicialmente na região (freguesia da Borda do Campo) 24 delas ou seja 14% estavam nas mãos de José Aires Gomes e/ou familiares.

(2) Sugerimos, a respeito, a leitura de “Terra Prometida: uma história da questão agrária no Brasil” Maria Yedda Linhares/Francisco Carlos Teixeira da Silva, RJ, Campus, 1999, p. 48 e “Agricultura e Pecuária na Capitania de Minas Gerais 1674-1807” Ângelo Alves Carrara UFRJ, 1997.

(3) Sobre a Inconfidência Mineira ver matérias em nosso boletim nºs CII – março/2016, CIII – abril/2016, CXV – abril/2017.



As redes sociais eram a minha droga dura

(Um testemunho: do vício à reabilitação)

Depois de ter passado oito anos a vaguear pela Internet e pelas redes sociais, posso afirmar, com toda a certeza, que o tempo despendido na rede é um desperdício existencial gigantesco. Trata-se de uma fuga, de uma ilusão, de uma droga em tudo semelhante à heroína ou ao álcool.

Como todos sabem, as redes sociais alimentam-se da nossa necessidade de sermos reconhecidos e de existirmos em termos sociais. Estranhamente, a Internet abre-nos as portas do mundo inteiro, mas pode aumentar o nosso isolamento em relação aos que nos rodeiam. Uma prática que, em doses elevadas, chega mesmo a alterar a estrutura do pensamento.

É claro que não estou a falar da Internet que nos permite obter informação de forma rápida, reservar um bilhete de comboio, gerir as nossas contas à distância, ou mesmo comprar os presentes de Natal, pois esta Internet é tão positiva e revolucionária como a invenção da imprensa ou a existência de água canalizada. A minha objeção prende-se com a Internet social, um monstro que suga o nosso tempo, e que semeia a nossa vida de vazio e tédio.

Tenho 42 anos de idade, sou casado e tenho dois filhos. Sou escritor, produtor e apresentador de programas de televisão. Tudo isto deveria ser suficiente para preencher o meu quotidiano, e eu deveria consagrar a totalidade do pouco tempo livre que tenho àqueles que amo e que são importantes para mim. Deveria... Contudo, não o faço, pois passo mais de seis horas por dia na Net. Na realidade, são bem mais de seis horas, pois não se trata de um tempo que eu possa controlar, ou até diminuir, como se fosse um passatempo. Uma vez que o tempo passado na rede é um verdadeiro vício, essas horas acabam por interferir com todos os minutos e pensamentos do meu dia.

Mentalmente, estou ligado à rede a toda a hora e em todo o lado. Estou também ligado aos outros através do telefone, do computador, do iPad e até da televisão. Vivo obcecado com tudo o que se passa, com tudo o que é dito, e quero estar sempre em linha.

Desde o aparecimento das ferramentas de publicação fácil — blogues e Facebook, entre outros — que os seguidores das redes sociais partilham tudo o que leem, o que ouvem, o que comem, com quem se encontram, e o que dizem uns aos outros. Essas ferramentas são como um arquivo ilimitado das nossas ações.

Quando estou diante de um lago, em vez de o contemplar, fotografo-o e faço uma postagem no Instagram. Quando estou diante de uma situação cômica, não me divirto, pois a minha preocupação é relatá-la no Twitter. Se vivencio um momento excepcional, partilho-o com o maior número de pessoas possível. Em vez de o guardar para mim, de o interiorizar, disperso-o, como se faz com as peças de um puzzle. Assim sendo, tudo o que experimento se transforma num pretexto para postar e comunicar.

Entretanto, a minha filha, que está a colorir um desenho, tem estado a tentar falar comigo; o meu filho, que está a construir uma torre de Lego,

gostaria de partilhar comigo essa façanha, e ignoro se a minha mulher tentou, por sua vez, dizer-me alguma coisa. A verdade é que tenho o nariz metido no meu MacBook e estou a tentar ver se as pessoas falam de mim, se me respondem, se leem o artigo que escrevi, ou se se riem dos meus comentários engraçados.

EU, EU, EU...

Como é que cheguei ao ponto de mostrar aos meus entes queridos que o tempo passado no Twitter ou no Instagram é mais interessante do que o tempo passado com eles?

O que será esta magia negra que me faz esquecer o outro, aquele que está perto, e me faz preferir o distante, o estranho que “gosta” de mim, me segue, me lê, e me responde de um lugar do qual nada sei? Eis algo de profundamente ilógico e absurdo.

A verdade é que, por cada uma das nossas ações digitais, recebemos o equivalente a uma dose de cocaína, uma porção do reconhecimento global que tão avidamente procuramos, a confirmação de que existimos, de que somos amados e apreciados.

Tal como acontece com os milhões de pessoas ligadas à rede, passo muito tempo a partilhar, a interagir, a responder e a reencaminhar, numa tentativa de dizer aos outros que podem contar com a minha presença e amizade. Em troca, peço comentários, respostas, mensagens, e uma certa dose de consideração que me tranquiliza e me impede de pensar na insignificância da minha existência.

As redes sociais são um universo artificial no seio do qual achamos que somos alguém.

A DISPERSÃO MENTAL

Pela primeira vez na história da humanidade, cada um de nós pode aceder ao mundo inteiro em tempo real e através de imagens. Mas será que o nosso cérebro está preparado para esta sobrecarga de informação e emoções? Quais serão as consequências desta mudança? O meu corpo diz-me que não são boas.

E se o tempo que passamos na rede for o maior desperdício de tempo que alguma vez imaginámos? E se ele for uma droga superior a qualquer forma de ópio que a humanidade já conheceu? É que a Internet não só nos mantém ocupados como também nos dá esperança (todos podem ter os seus 15 minutos de fama), um espaço para desabafar (finalmente, as pessoas ouvem o que tenho a dizer), o sentimento de que somos apreciados e, acima de tudo, a Internet dá às pessoas ociosas a impressão de estarem ocupadas.

Mas, afinal de contas, o ecrã não passa, muitas vezes, de uma ilusão, de uma cortina de fumo.

O essencial está no mundo real, nos cheiros, nas cores, nos olhares, nas mãos, na textura da casca de uma árvore e no som das ondas do mar.

UM BECO PERIGOSO

Algumas pessoas irão, decerto, sorrir quando lerem esta revelação, mas, no que me diz respeito, trata-se de algo que me preocupa. Porque este modo de vida, esta imersão na tecnologia digital, é o mundo para o qual os meus filhos estão a dirigir-se.

Um mundo digital, móvel, pontilhado de ecrãs transparentes, reconhecimento de voz, disponibilidade imediata de informação e serviços, e trocas de mensagens curtas e convenientes. Não quero deixá-los sozinhos neste beco digital, porque acabo de vir de lá, e sei que o vício é poderoso e perigoso. Sei também que se trata de uma tecnologia que talvez venha a dar origem a um fenómeno muito grave de ilusão, de dependência, e de egoísmo e indiferença em relação àqueles que nos rodeiam.

Como todos os pais, tenho medo de que os meus filhos se droguem.

Cyrille de Lasteyrie



DOMINGO À TARDE NO CAMPO DO CRUZEIRO

"Existem Mundos Perdidos. Com certeza existem. Se antes eram a nossa realidade, o dia a dia da nossa vida, depois, por alguma interseção, algum desvio ou interrupção na história, migram para cantos isolados e perdidos da memória. Não necessariamente morrem, mas ficam escondidos esperando que sejam lembrados enquanto existirem quem neles viveram ou surjam outros que se importem e queiram conhecê-los."

O futebol amador nas pequenas cidades do interior já viveu tempos melhores, quando recebia atenção, sendo valorizado e reconhecido. Antes dos anos 70's era necessário recorrer aos campeonatos de outros estados, principalmente o Rio de Janeiro, para se torcer por algum time profissional. Apesar de ser uma referência distante era mais atrativa que o insignificante futebol mineiro. É fácil se lembrar de nossos antigos torcendo para Fluminense, Vasco e Botafogo. Entretanto, era viável escolher um time do coração em sua cidade natal, e isto o futebol amador proporcionou. Ganhou importância pela proximidade, pela sensação de pertencimento proporcionada, pelas rivalidades e manifestações de individualidade social. O povo da terra participava buscando a notabilidade e a distinção, principalmente os jovens, pois assim o esporte exige. Cruzeiro e Tupinambás contam a história. Seu confronto era o centro de gravidade de todo este mecanismo.



Arquivo Pessoal de Altair Minas Caputo: o Cruzeiro com Juvenal

Mas, o tempo faz da mudança uma constante. Os meios de comunicação aumentaram sua abrangência e a televisão, que até então era inócua e São Tiago sempre teve enormes dificuldades na recepção de sinal, passou a ser um meio de entretenimento predominante. Já era possível assistir a mais jogos mantendo a postura de interesse pelo esporte sem necessariamente participar. Além disso, houve o drástico êxodo dos jovens. Os moços da terra eram obrigados a ir embora, para estudar ou trabalhar, pois não havia alternativas de cursos e empregos nestas pequenas cidades. Alguns foram embora para sempre, outros não resistiram e voltaram depressa para a casa dos pais, mas a maioria montou sua vida longe de sua origem. O interesse é um fogo que exige fornecimento constante de combustível e em sua ausência murcha, extingue-se. O futebol amador ficou pálido, talvez invisível. O belo filme americano de Kevin Costner, "O Campo dos Sonhos", trata de memórias e baseball e pode nos sensibilizar para, numa licença poética intensa, imaginar o campo que se transforma em mundo e o sonho que é algo perdido. Estas mutações geram o reflexo no espelho afetivo do Mundo Perdido do Campo do Cruzeiro, domingo à tarde em São Tiago.

O futebol é basicamente um acordo de representatividade assinado pelo torcedor e o time. Este acordo não é negociado, simples-

mente acontece de forma silenciosa e discreta. Em certo instante uma alma jovem, quase sempre, desperta já presa aos termos deste acordo que determina que o torcedor declare seu compromisso de representar o time nas arquibancadas, nas ruas, lares, ambientes profissionais e sociais, na vida em geral, direcionando a ele incentivo, elogios, e na redundância, sua torcida. Por sua parte o time se compromete a representar o torcedor em todos os jogos, campeonatos, torneios e até mesmo amistosos, em qualquer lugar do mundo, atingindo sucesso, títulos e vitórias, argumentos que justifiquem o contrato assinado. Simbioticamente, dentro de um universo não totalmente reconhecido e de regras próprias, ambas as partes alcançam mais importância, prestígio e status, contra qualquer dúvida e provocação.

A primeira cláusula silenciosa deste contrato é a proximidade. As pessoas que torcem o fazem para quem está próximo de onde vivem. No extremo, pode-se dizer que o ideal é que torcedores, jogadores e empregados do clube comprem pão na mesma padaria. Alguém de nossas terras pode se declarar fã, admirador ou simpático ao Barcelona, mas dificilmente poderá ser considerado torcedor na pureza da palavra. Barcelona e a Espanha estão muito distantes e Belo Horizonte e o Barro Preto estão pertinho.

A última cláusula é a perpetuidade. É para sempre. A sabedoria popular rasa, mas correta, diz que troca-se de parceiro amoroso, religião, partido político e até de sexo, mas esta cancela é fechada para time de futebol. Uma conexão indireta une, ou unia, o futebol amador e o futebol profissional. O futebol é um ambiente extremamente conservador, reacionário, que expõe uma série de comportamentos inapropriados e qualidades negativas individuais ou comunitárias, mas mantém um esboço de código de honra e conduta, mesmo que fluido e contornável. Neste código a letra mais brilhante dita que um verdadeiro torcedor nunca mudará de time e nunca torcerá por dois times simultaneamente, e se assim o fizer, ficará claro a sua falsidade como tal. Aqui e agora entra a tal conexão: é possível simultaneamente torcer por um time do futebol profissional e por um time amador, provavelmente das terras de origem, sem quebrar a determinação do código. Os objetivos são diferentes: um procura resultados mais rápidos e um holofote que ilumine fortemente o seu posicionamento público; o outro está mais relacionado à manutenção de uma identidade familiar, algo que a própria participação ajudou a criar.

Entre a primeira e a última coexiste um emaranhado de regras, orientações, ritos severos e uma etiqueta comportamental que tece uma trama surpreendente para um assunto não fundamental.

Na pequena São Tiago das décadas 60/70 as preferências futebolísticas obedeciam ao mapeamento por bairros da cidade. Além de acompanharem os times do eixo Rio-São Paulo, os olhares dos torcedores de nossa cidade se voltavam para os nossos dois times tradicionais e históricos. O Bairro do Cruzeiro torcia pelo o time do Cruzeiro. O Bairro do Tupinambás torcia para o time do Tupinambás. O povo do centro e Largo da Matriz dividia-se entre estes extremos. O surgimento de times como o Natal e o Guarani, com importância pontual, não mudou este esquema.

A rivalidade entre Cruzeiro e Tupinambás passa a impressão que sempre existiu. Ainda hoje, mesmo sem confrontos importantes, continua existindo porque sempre existiu. Nesse histórico os dois se alternaram no posto de melhor time local, cada um em seu tempo, conseguindo até reconhecimento nas cidades vizinhas. O uniforme do Tupinambás era branco e vermelho com uma faixa diagonal. No uniforme do Cruzeiro eram utilizadas as cores branca e preta, também com faixa diagonal, como o do Vasco da Gama. Pecado

imperdoável e heresia foram cometidos por pouco tempo quando o Cruzeiro vestiu uma camisa azul estrelada. Certa tarde os nossos dois Cruzeiros, o de São Tiago e o de Belo Horizonte, jogaram no mesmo horário. Um perdeu o jogo e o outro ganhou. O Lazico do Chicão fala para o meu pai, munido de sabedoria: "- Dois Cruzeiros não podem alcançar a glória no mesmo dia!".

O dia do clássico tinha sua mecânica particular. Quando os torcedores misturados subiam as ruas para o campo do Cruzeiro era o momento das provocações, trocadas por indivíduos ou grupos. Nada como insultos pesados e algo mais próximo ao espírito daqueles tempos, como "é osso, é osso, é osso de galinha... arruma outro time prá jogar com nossa linha!". Obviamente, ao final do jogo, a primazia da gozação era do time vencedor.

A escolha de um juiz para um jogo Cruzeiro versus Tupinambás não era tarefa fácil. A maioria das pessoas disponíveis não era elegível, por serem suas simpatias de conhecimento público. Em certo momento a maneira encontrada para contornar o problema foi convocar pessoas de outras localidades. Mas não bastava. Na primeira hora esses juizes de fora já eram suspeitos de fazer acordos não republicanos com alguma das partes. Nenhuma novidade, pois o juiz de futebol sempre foi um problema, em qualquer tempo e em qualquer parte, e aqui não seria diferente. Tenho uma opinião que mesmo impiedosa e exagerada deve possuir um fundo de verdade: o juiz é o pecado original do futebol.

O primeiro local utilizado pelo Cruzeiro era um campinho no alto do morro, hoje o Bairro Nações Unidas. O atual estádio foi construído em 1957, exibindo um portal de entrada em alvenaria e uma cerca de bambus no limite da estrada. Mais tarde o atual endereço sofreu uma intervenção urbana que realinhou a estrada que leva à Capelinha e eliminou a alça de saída para São João Del Rei que contornava a Pavuna chegando ao campo do Guarani.

O programa futebolístico de domingo preenchia a tarde inteira, começando um pouco depois do meio dia e avançando até o entardecer. O por do sol e sua meia luz quase inviabilizavam o encerramento do jogo. O motivo para tão longa duração era a realização de dois jogos consecutivos: o confronto entre os 2^{os} quadros seguido pelo confronto entre os 1^{os} quadros de cada time. Vale explicar que todo time tinha no mínimo dois conjuntos de jogadores: os 1^o e o 2^o quadros. Assim era formatado, reconhecido e necessário, tanto que aconteciam dois campeonatos correndo em paralelo, agradando a todos. O 1^o quadro era formado pelos melhores jogadores disponíveis, de técnica mais apurada e afamados no meio. Enquanto isso, no 2^o quadro se encontravam os esforçados, entusiastas e possíveis reservas.

Normalmente o ambiente no campo era tranquilo, descontraído e amigável, com exceção possível nos confrontos contra o time do Cerrado. Famílias, crianças e algumas mulheres estavam presentes contribuindo com mais leveza. Lembro-me de minha avó e tias indo aos jogos com um saco de laranja a tiracolo. Minhas tias eram moças de sua época, valorizando a escolha de vestidos e penteados para ir ao baile na Sede Social Santiaguense, liam fotonovelas e gostavam de música italiana romântica. Ao valorizar ir ao evento sinalizavam existir ali algum valor social despercebido. Elas se sentavam sob os bambuzais, nos bancos de madeira, descascavam e distribuíam as frutas para parentes e conhecidos a tarde inteira. Todos saboreavam as laranjas com satisfação enquanto ambulantes ofereciam miudezas. Uma ótima oportunidade para que os meninos ganhassem um picolé não programado, aproveitando o fato de que o pai estava numa atitude mais relaxada e acessível aos pedidos. Se tudo fosse feito direitinho dava até para repetir o picolé.

Pode parecer absurdo, mas o baseball novamente contribui para essa despretenhosa resenha sobre passado e futebol. Dizem que o jogo de baseball é o evento esportivo mais apropriado para que o pai vá junto com o filho desfrutar um tempo de qualidade. O jogo de baseball é longo, com um ritmo mais lento, emoções espaçadas e pontuadas, porém intensas nos momentos especiais. Isto permite que pai e filho encontrem o diálogo, se conheçam num aprendizado simultâneo, comam fast-food sem pressa e sem pressão. Algo similar acontecia no campo do Cruzeiro. O ambiente convidava a in-

teração pessoal e o nível técnico do jogo não era brilhante para captivar continuamente a atenção. Distrair-se era permitido.

Enquanto o tempo voava lento, as bolas divididas eram espancadas para fora do campo e também voavam, porém velozes, sobre os bambuzais, descendo impiedosamente rumo aos fundos da Sapucaia. Desanimo astronômico para quem devia buscá-las.

A torcida participava também gritando os bordões do futebol:

- "Expursa ele, juizo!" (sic), ao juiz suspeito;
- "Eeehhhh juizo ladrão" (sic), idem;
- "Pede para ir ao banheiro e sai!", ao jogador ruim de bola;
- "Bola pró mato que o jogo é de campeonato!", sabedoria;
- "Enquanto a bola está no alto ninguém se machuca!", conselho embutido numa observação.

Antigos torcedores afirmam com convicção que o melhor Cruzeiro que viram jogar nos tempos heroicos foi aquele em que o Sr. Juvenal era o goleiro. O Sr. Juvenal, natural de São João Del Rei, profissão incerta, veio com um time de sua cidade fazer aqui um amistoso. Foi tão espetacular em suas defesas que o Preste, presidente do Cruzeiro, resolveu contratá-lo para ser nosso goleiro. Além de um salário, hospedou-o em sua casa com tudo pago por um bom tempo enquanto durou o acordo. Aqui o Sr. Juvenal conheceu sua futura esposa, uma professora de Bonsucesso. Muito nos diverte uma chacota familiar que diz ser o Preste uma figura importante na história do futebol profissional!

Uma pessoa dava um colorido diferente às tardes de futebol, mesmo não jogando bola. Este era o Sr. Alair Navarro de Castro, vere-



Arquivo Pessoal de Altair Minas Caputo: 1^a portaria.

dor e presidente da câmara no biênio 1971/1973. Gostava de se vestir formalmente e andar de terno em situações corriqueiras. Mudou-se para Belo Horizonte onde se formou em direito. Do barranco arquibancada do lado da rua assistia e narrava os jogos em alto e bom som como faziam os locutores de rádio da época, com as mesmas entonações, mesma variação na altura da voz e outros caçoetes. Em certo instante era possível prestar atenção na narração discernindo as palavras. Não durava muito, pois logo a atenção fugia para outros interesses e as palavras se transformavam em parte do pano de fundo, naturalmente.

O campo do Cruzeiro recebeu o nome de Estádio Geraldo Caputo, meu padrinho de batismo. A família de meu pai participou do grupo de fundadores. O time sempre foi importante como referência afetiva e perene, com grande apelo de pertencimento. O campo em si persiste, mesmo sem espírito, talvez. Ganhou iluminação, o que no início parecia desperdício de recursos, mas hoje nem tanto. Foi gramado, recebeu novas portarias, muros, passeios e outras melhorias, mas perdeu o futebol, adeptos, interesse, visibilidade e relevância. O campo que ainda lá está é como uma concha que recebe ajustada dentro de si mesma outra concha imaginária: o Mundo Perdido do campo do Cruzeiro, domingo à tarde, em São Tiago.

Fabio Antônio Caputo,
Engenheiro civil aposentado e pequeno torcedor

DE POETA E LOUCO TODOS TÊM UM POUCO



SANJOANIDADES

MESTRE NÃO É QUEM SEMPRE ENSINA,
MAS QUEM DE REPENTE APRENDE
[Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas]

VIRGEM DO CARMELO

Virgem do Carmo, nesta linda imagem,
És a miragem dos reais fulgores,
Quem pode ver-te, sem querer amar-te?
Quem pode amar-te, sem morrer de amores?

Desde as alturas deste altar fulgente,
Olha esta gente que a teus pé acorre!
Com teus favores maternais, imensos,
Tu, entre incensos, teus fiéis socorre!
Lindos anjinhos, em conjunto a olhar-te,
Cercam o altar, te nimbanda a frente.
Se és mãe nossa, deles és madrinha,
Doce Rainha do Carmelo Monte.

Nuvem de Elias, que subindo trazes
Teus eficazes mananciais de cura,
Verte tuas bênçãos sobre nós à flux,
Mãe de Jesus, imaculada e pura.

Pode a tristeza me bater à porta,
Nada me importa quando aqui eu venho.
Se algo me turba o coração, e choro,
Logo que imploro, o teu favor obtenho.

As almas santas, trescalando a rosas,
Cantam ditosas teus louvores tantos.
Dá-me também aqui louvar-te agora,
Nossa Senhora, com piedosos cantos.

Faze que eu venha a te encontrar no céu,
Onde, sem véu, eu possa enfim te ver,
Pois, se és na imagem de incomum beldade,
Na realidade, o que não há de ser?

Por isso anseio que, num lindo sonho,
Puro, risonho, de celestial dulçor,
Venhas buscar-me e lá no céu, um dia,
Dá-me a alegria do supremo amor!

LADAINHA MARIANA SÃO-JOANENSE

(15-10-93)

Santa Mãe de Deus, Virgem Imaculada,
Alegria e glória e de teu povo honor,
Em São João del-Rei, quiseste ser chamada
A Mística Rosa, do jardim a Flor.

Virgem do Pilar, és, na matriz Rainha,
Padroeira nossa, toda envolta em luz.
A cantar, pedimos, nesta ladainha,
Que nos apresentes para o teu Jesus?

És na igreja antiga a celestial Senhora,
A sublime escada que do além desceu,
Ensinando a prece que nos deste outrora
Do Rosário santo que nos leva ao céu.

De Saron, no Carmo, graça és formosa,
Ó ternura imensa do divino Amor!
Salva-nos, querida, como mãe bondosa,
Que sem ti sofremos, ai! do inferno a dor.
Na subida esplendes da gentil colina,
Das Mercês Senhora, no mais belo encanto.
Tens o olhar sereno que também ensina
O aconchego acharmos no teu lindo manto.

Piedade enorme te envolveu, Maria,
Quando o Filho morto te pousou no colo,
Soledade e Dores, oh! que bom seria
Se teus filhos fossem para ti consolo!

Boa Morte alcança, ó Exaltada em Glória,
Aos devotos teus, que nesta vida andamos.
Da Assunção madona, a perenal vitória,
Com Jesus, teu filho, te pedir ousamos.

Toda pura foste, por ventura tanta,
Concebida em graça, casta, Imaculada.
Milagrosa Imagem da Medalha santa,
Oh! dá-nos, Mulher, a Graça desejada.

Com vovó Sant'Ana, meiga estás, Menina,
Aprendendo a Lei que para o céu conduz;
Já, depois, te vemos, qual mamãe divina,
Em Belém, sorrindo para o teu Jesus.

Pressurosa em Fátima, acorreste um dia
Na azinheira benta, com semblante raro.
Patrona do Parto, sê p'ra nós, Maria,
Eternal Socorro e pela vida Amparo!

Da Saúde dona, lá no altar erguida,
Aos doentes mostra um eficaz Remédio.
Senhora de Lourdes, Mãe Aparecida,
De nossa alma afasta do pecado o tédio!

Tantos nomes santos, Senhora da Graça
Te chamamos sempre na feliz São João.
Nossa voz escuta, ó Flor da humana raça,
Santa Auxiliadora do fiel cristão.

E, no fim de tudo, eis, Nossa Senhora,
Só nos resta agora te pedir também:
Que de nós tem pena, pobres filhos de Eva,
E ao céu nos leva com teu filho, Amém!

CRISTO DO MONTE ALVERNE

Não há, no território brasileiro,
Cidade como a nossa de São João,
Onde um desconhecido e bom santeiro
Deixou-nos esculpida esta lição:

Na terra é dever nosso o bom roteiro
Seguir sempre buscando a perfeição.
Fiéis ao que nos é tão rotineiro,
Façamos, pois, mais uma procissão.

Partamos, imperfeitos desde o risco,
Como imagens de um Cristo Inacabado,
Do Carmo em direção ao São Francisco!

Ali, elaborado em puro cerne,
Nosso ideal veremos, no alto, alado,
No esplêndido Senhor do Monte Alverne.

O MAIS SÁBIO QUE DEUS

(Paródia: 26-07-94)

Certa vez, perguntei
A dois homens, assim:
Quem criou, me disse,
O universo sem fim?

Eram eles, em tudo,
Entre si, desiguais.
Responder-me, contudo,
Não ousaram, sem mais.

Ambos, pois, requereram
Algum tempo a pensar.
Só depois que puderam
A resposta me dar.
Cada qual, sobre o caso,
Disse, os olhos nos meus:
O mais tolo que o Acaso.
O mais sábio que Deus!

UM NOVO AMOR

(06-07-94)

Sedutora cruel de tantas vidas,
A Deusa da paixão já não me embala.
Nem cuidarei jamais de despertá-la
Dentre as coisas em mim adormecidas.

Por promessas de amor, nunca cumpridas,
Minha alma foi-lhe aos pés fiel vassala,
Quando, na vã loucura de encontrá-la,
Vaguei por tantas noites indormidas.

Mas, hoje, és tu, Maria, o meu enlevo!
São teus estes versinhos que ora escrevo,
Porque trouxeste paz à vida minha.

A luz do teu olhar neles derrama
E, então, de mim verás a intensa chama
Dum novo amor ardendo em cada linha.

EVOCAÇÕES PESSOAIS

TEM HORAS ANTIGAS QUE FICARAM MUITO MAIS
PERTO DA GENTE DO QUE OUTRAS, DE RECENTE DATA
[Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas]

O TREM-DE-FERRO

[Para Francisco Gaio: 13-07-94]

O Agente, o Seu Ferreiro,
Faz sinal co'a bandeirinha.
Eia! apressa, passageira,
Dê a mão à menininha.

Bate o sino, em Congo Fino:
A estação de João Pinheiro.
Está na hora, vai-se embora
Esse trem de passageiro.

Roda a roda sobre os trilhos,
A ranger entre os carrilhos.
Me ajude cá sô Chico,
Que senão aqui eu fico!

Vamos, corre, guarda-chave,
Guarda-freio atenta e veja!
Este trem – que coisa grave!
Olha como sacoleja.

Lá na frente, o maquinista
Controlando a correria;
Logo atrás o seu fogueiro
No ardor da caloria.

Vai arfando, quase viva,
E saudade atrás deixando,
A febril locomotiva,
Mil adeuses acenando.

Vai o trem, vai apitando,
Devagar, acelerando.
Tantas curvas faz em frente
Mais parece uma serpente.
Vai rodando bem no meio
O vagão que é do Correio
E, depois, de porta larga,
O vagão que leva a Carga.

Cheiro, cinzas e fagulhas
Vez por outra me magoa:
O estômago me embrulha,
E o balanço me atordoia.

Caixa-d'água rumoreja,
Sai vapor pela caldeira.
A janela abra e veja
Como é bela a erva cidreira.

Ruim Mas Vai o dia inteiro,
A mala cai no passageiro.
Sai galinha desta linha!
Deste embalo, sai cavalo!

Ruim Mas Vai, Rede Mineira,
Cai fuligem na cadeira.
Range o trilho em estribilho,
Cai borralho no cascalho.

[cantilena]
Passa poste, passa fio,
Passa turma, passa rio,
Passa serra, passa monte,
Passa estribo, passa ponte.

Passa o trilho no dormente,
Passa casa, passa enchente,
Passa vaca, passa flores,
Passa tempo, passa amores.

Passa ronda, passa caça,
Passa trole, com feitores.
Passa nuvens de fumaça,
Pontilhões, trabalhadores.

Passa Zito, passa Zita,
Para-sacos na guarita,
Passa cá, passa acolá,
Passa Quatro, ao longe está!

Passa ida, passa a vida,
Passa o tempo passageiro.
É diurno ou é noturno,
Passa o trem o dia inteiro.

Lastros, mistos, passageiros
Lentas pranchas e cargueiros.
Tantas vidas resumidas
Num só trem buscando o além.
Alegrias e tristeza
Na chegada e na partida
Só Deus sabe, com certeza,
As estradas desta vida.

No vagão, cambaleando,
Entra o chefe, eu já o diviso,
As passagens picotando,
Dá a todos este aviso:

Passageiros, atenção!
Eis a próxima estação:
O seu nome é Soledade,
Nesta Rede da Saudade.

GRATIDÃO ETERNA



Há muitos anos, por volta de 1929, área rural, vida difícil, faltava conforto, dignidade e recursos econômicos. Família grande, filhos pequenos. Problemas, aparentemente, sem solução.

Salustiano Ibraim dos Reis, o Sonêgo, chefe da família, sente-se perdido. O que fazer?

Uma de suas filhas mais velhas casa-se com um rapaz, seu primo, residente na Comunidade Rural Recreio, pertencente ao Japão, hoje Carmópolis de Minas.

Sonêgo acha a solução para seus problemas! Dizendo-se inconformado com a mudança da filha para uma terra tão distante, há dezenas de léguas. Era impossível viver com a dificuldade de revê-la! Ainda mais que tinha esperança de que lá poderia trabalhar com o genro e seus familiares.

Proposta pensada, decisão tomada. Mudaria com a família: esposa e oito filhos para a Comunidade do Recreio.

O problema agora era preparar a mudança. Precisava vender o terreno e organizar alguns pertences que, além da família, caberiam no carro de boi.

Rapidamente veio a ideia: quem poderia comprar seu terreno seriam as Moças do Bengo. Seis moças solteiras, fazendeiras, confrontantes que, certamente, teriam, na hora, o dinheiro disponível para a negociação.

No mesmo dia, foi à fazenda das vizinhas e, sem rodeios nem cerimônia, ofereceu-lhes seu terreno. Não estava enganado. Com poucas palavras a negociação foi encerrada. D. Pexona entrou num quarto e, em alguns segundos, trouxe o dinheiro, conferindo o total na presença do vendedor e das irmãs. Documentação não seria necessário. A palavra do vendedor e das compradoras valia mais do que qualquer papel.

Em poucos dias, o carro de boi, levando a família, algumas roupas e alguns cachorros, saiu do Sítio Ribeirão, em São Tiago, com destino ao Recreio, no Japão.

Viagem cansativa, sacrificada. Pousos e comida implorados e oferecidos em fazendas estranhas. Bois cansados necessitando pasto e água. A criança mais nova, com alguns meses. Esposa grávida... Depois de uma semana, finalmente, chegaram ao destino.

Sonêgo logo percebeu que estava enganado. Nada era conforme imaginou. Os problemas aumentaram. Desentendeu-se com o sogro de sua filha e com o genro. Não queria atrapalhar o relacionamento do casal, pensou em voltar logo para São Tiago. No entanto, a menina mais nova teve sarampo. Precisava esperar ainda a esposa dar à luz. Teve que ficar por lá quase dois anos! Que sofrimento!

Voltaram. Tudo mais difícil ainda. Uma semana de viagem e chegaram na querida Terra Natal. Sonêgo não teve dúvidas. Encaminhou-se com sua esposa, nove filhos, carro de boi, pouquíssimas roupas e cachorros para seu terreno. Encontrou a casa do mesmo jeito. Conseguiu abri-la sem dificuldade e acomodar todos nela. Encontrou de diferente um curral novo na divisa com o terreno das Moças do Bengo e algum gado solteiro. Sonêgo, na mesma semana, improvisou uma cerca de arame separando, dentro da área do terreno que fora vendido, uma quarta de terra em volta da casa. E ficou por isso mesmo.

As compradoras não disseram nada. Depois de alguns dias, vendedor e compradoras se encontraram no arraial, conversando como se nada tivesse acontecido. Sabiam que Sonêgo não teria condições de devolver-lhes o dinheiro da venda do terreno. Continuaram amigos por muitos anos.

E assim foi até a morte de todos. Sonêgo morreu nesta mesma casa, em 1962. Nunca falou com ninguém sobre esse assunto, mas seus filhos sempre souberam e todos se mantiveram eternamente gratos às Moças do Bengo por essa nobre atitude.

Carlita Maria de Castro e Coelho
Membro do IHGST

Marco inicial do projeto Caminhos de São Tiago foi inaugurado em 17/06/2023

Rota é inspirada no Caminho de Santiago espanhol; uma das semelhanças entre os percursos é o ritual "imposição do chapéu"

Por Paulo Campos

FOTO: PREFEITURA MUNICIPAL SÃO TIAGO/DIVULGAÇÃO



A cerimônia de "imposição do chapéu" na igreja Matriz de São Tiago

Santiago de Compostela é a capital da Galícia. A cidade é famosa no mundo todo por ser rota de peregrinação. A igreja local também guarda os restos mortais do apóstolo Tiago. Milhares de turistas de várias partes do mundo desembarcam todos os dias nessa região a noroeste da Espanha em busca de autoconhecimento ou de experiências transformadoras. No Brasil, o percurso ficou conhecido depois que o escritor Paulo Coelho lançou o livro "Diário de um Mago", que conta sua experiência no trajeto. Na verdade, são três caminhos distintos com níveis de dificuldade, paisagens e tempo de deslocamento diferentes levam a Compostela.

Compostela também é inspiração para outros caminhos no Brasil. No centro-oeste do Paraná, há uma rota de 100 km entre Campo Mourão e Fênix denominada Caminho Inicial de Santiago. Há, ainda, os caminhos da Fé, entre São Paulo e Minas Gerais; do Sol, preparatório para Santiago, entre Santana do Parnaíba e Águas de São Pedro (SP); o Brasileiro de Santiago de Compostela, ligando as igrejas de Nossa Senhora de Guadalupe e Sagrado Coração de Jesus, em Florianópolis (SC), das Missões (RS), de Cora Coralina (GO), de Caravaggio, entre Farroupilha e Canela (RS), o da Luz, entre Tombos e o pico da Bandeira (MG) e os Passos de Anchieta, de Vitória a Anchieta (ES).

Foi inaugurado o marco inicial do trajeto entre Santa Rita de Ouro Preto e Ouro Branco da rota turística mineira Caminhos de São Tiago. O evento aconteceu no Salão Paroquial Felipe Turco, no distrito ouro-pretano, que é conhecido como a "Capital da Pedra-Sabão".



O trajeto, que foi aberto em 2021, percorre 11 cidades: Ouro Preto, Ouro Branco, Conselheiro Lafaiete, Queluzito, Casa Grande, Entre Rios de Minas, Lagoa Dourada, Resende Costa, Coronel Xavier Chaves, Ritápolis e São Tiago. São 274 km, integrando os circuitos do Ouro, Trilha dos Inconfidentes e Villas e Fazendas.

Segundo Marcus Vinícius Januário, presidente da Federação dos Circuitos Turísticos de Minas Gerais (Fecitur) e também gestor do Circuito Trilha dos Inconfidentes, 1.452 pessoas já completaram todo o percurso. No entanto, já foram entregues mais de 3.000 passaportes. O documento pode ser retirado gratuitamente pelo peregrino – a cada cidade visitada, ele ganha um carimbo e, ao completar ao menos oito, recebe um certificado de participação. Autoguiada, a rota está toda sinalizada com 300 tótenes produzidos por artesãos de Prados, com o símbolo da cruz de Santiago e na cor amarela, simbolizando o ipê.

O percurso atravessa áreas urbanas e rurais, revelando ao visitante patrimônios histórico-culturais, paisagens espetaculares, comidas típicas, artesanato regional, cachoeiras e mirantes belíssimos, como o das Lajes, em Resende Costa, onde o turista pode contemplar o pôr do sol mais bonito da rota. O viajante pode



seguir a pé, de bike, a cavalo, de moto ou de carro, dormir nas cidades e realizar o percurso em etapas. Januário conta que há uma ligação entre os caminhos mineiro e espanhol – São Tiago e Santiago de Compostela são cidades-irmãs. "Estamos trabalhando para validar nosso trecho ao de Compostela".

O que também liga as duas rotas é o emocionante rito de devoção "imposição do chapéu", geralmente celebrado no dia 25 de julho, mas que na rota será rememorado no dia 25 de cada mês, inspirado na tradição do caminho espanhol. Marcus Januário destaca que a diferença entre os percursos está no propósito: enquanto o de Santiago de Compostela é motivado pela fé, pelo caráter transformador, o de São Tiago é uma rota que promove o turismo nas localidades e gera nova fonte de emprego e renda. "Nosso caminho não tem essa pegada de autoconhecimento, de transformação, mas não quer dizer que não seja".

Muito mais que biscoito: 5 razões para conhecer São Tiago

Descubra os principais encantos e experiências desta terra nas Vertentes Mineira.

São Tiago, famosa pela Festa do “Café-com-Biscoito”, é uma simpática cidadezinha com pouco mais de 11 mil habitantes. A cerca de 200 km da capital, Belo Horizonte, está a aproximadamente 50 km das cidades históricas São João del-Rei e Tiradentes, no sudeste de Minas.

Na rota da Estrada Real, do Caminhos de São Tiago e do Queijo Terroir, seus moradores cultivam uma hospitalidade ímpar desde a época dos tropeiros. O tempo transcorre devagar, enquanto conversas calorosas se estendem num banco da praça ao entardecer.

1. PRATIQUE O TURISMO RURAL

Para quem busca a paz e a simplicidade do meio rural, São Tiago é a escolha certa!

Com mais de 2 mil propriedades rurais, na agropecuária o município se destaca pela produção leiteira e de grãos. Principalmente as crianças, vão adorar o contato com os animais, seja ao tirar o leite das vacas, seja ao alimentar galinhas e porcos.



Turistas colhem e experimentam maçãs

Passeie por entre os lindos pomares e colha frutas fresquinhas. Inclusive, na primeira plantação comercial de maçãs de Minas Gerais, um cenário que lembra os contos de fadas. Ou realize o “Tratour”, uma volta na carretinha puxada por um trator repleta de aprendizados nos cafezais.

Já os espíritos aventureiros, podem caminhar, pedalar e cavalgar por entre as belas árvores e montanhas típicas da transição entre a mata atlântica e o cerrado. E os pescadores esportivos encontram lambari, tilápia, tucunaré, traíra e outras espécies nos rios e tanques da região.

Quando o sol se põe, as pessoas são recepcionadas ao redor da fogueira, com uma boa moda de viola, prosas descontraídas e farta comida mineira.

2. VIVENCIE A FÉ DE ORIGEM ESPANHOLA

A religiosidade transborda em São Tiago, cidade que leva o nome de seu padroeiro. Segundo conta a tradição, os primeiros fundadores



Rito da imposição do chapéu de São Tiago

do arraial eram bandeirantes espanhóis, que trouxeram consigo uma imagem do santo.

Todo ano, em 25 de julho, celebra-se a festa de São Tiago Maior, quando acontece o emocionante rito de devoção “Imposição do Chapéu”. Fiéis formam filas para ganhar a bênção com o chapéu do padroeiro sobre a própria cabeça.

Na festividade de 2021, foi lançado o Caminhos de São Tiago, fruto da inspiração no Caminhos de Santiago de Compostela, na Espanha. Um dos maiores roteiros turísticos de Minas Gerais passa por dez cidades e pode ser percorrido a pé, a cavalo, de bicicleta, moto ou automóvel 4x4.

O município tem seis igrejas e algumas ermidas. Em especial, ganha destaque a Ermida Nossa Senhora das Graças ou “Capela do Capão”. A pequena construção branca e azul contrasta com a paisagem verde na região do Capão Grosso. O que acabou por conquistar os corações de ciclistas e caminhantes, que descobriram e espalharam fotos do lugar nas redes sociais, durante a pandemia.



Encantadora Ermida Nossa Senhora das Graças

3. HOSPEDE-SE EM CENÁRIOS ACONCHEGANTES

E MUITO INSTAGRAMÁVEIS

Os meios de hospedagem são atraentes e você escolhe aquele que melhor se adequa a seu gosto e bolso.

Desde opções práticas, para quem está em uma viagem de negócios ou em home office, até noites românticas para casais apaixonados. E, é claro, diversão garantida para toda a família com piscinas e jardins.



Encantador pôr do sol à beira da piscina

Também é possível relaxar entre as flores e perfumes de cafezais, assim como curtir a calmaria próximo da exuberante flora e fauna local (com trilhas de fácil acesso). Ou ainda, embarcar num passeio aos séculos 19 e 20 nas imponentes fazendas históricas da região.

Além disso, os simpáticos proprietários indicam atividades de lazer pela cidade e seus arredores.

4. EXPERIMENTE A NOSSA COZINHA MINEIRA

Os são-tiaguenses mantêm a essência da mineiridade em cada ingrediente selecionado. Muitos pratos são feitos conforme a tradição, em panelas de ferro e fogão a lenha, que garantem um sabor irresistível às comidas.

Nos charmosos restaurantes e bares da cidade, prove “tutu tonto”, frango com ora-pro-nóbis ou quiabo, filé de tilápia, angu com couve, torresminho feito na cachaça, bife à rolê, feijão tropeiro, feijoada, galopé e muito mais.... É gostosura que não tem fim!



Fogão a lenha com farta comida mineira (linguiça, couve, torresmo e salada)

A sobremesa fica por conta de variados queijos, iogurtes com polpa da fruta, geleias especiais (real, morango, maçã com pimenta, etc.), mel, doces de leite, goiaba, figo, entre outros.

Enquanto os amantes da cachaça artesanal degustam os produtos direto do alambique ou iguarias nos bares ao embalo de MPB e Blues.

5. CONHEÇA AS FESTIVIDADES, HISTÓRIA E CULTURA LOCAL

Sem dúvidas, a Festa do “Café-com-Biscoito” é uma atração imperdível! Patrimônio Cultural Imaterial reconhecido pelo IEPHA, acontece sempre no segundo final de semana de setembro, em meio à fascinante florada dos ipês.

A acolhedora Praça da Matriz fica repleta de barracas de biscoitos, artesanatos e produtos da agroindústria, que podem ser degustados gratuitamente. Além de oferecer shows e atrações/atividades artísticas para todas as idades, um verdadeiro festival de cores, aromas e sabores.



Folia de Reis na comunidade rural São Pedro da Carapuça

Os laços com a ruralidade são exaltados durante o Encontro de Carros de Boi e na Festa do Produtor Rural, quando há exposição e desfile de animais regados a shows sertanejos.

Mas os amantes de Rock and roll também se sentem acolhidos em nossos eventos e apresentações musicais, como é o caso de festivais de rock em propriedades rurais particulares e o Encontro Nacional de Motociclistas, festa que já teve duas edições e reuniu motociclistas das regiões sudeste e sul em São Tiago.

E as celebrações religiosas se destacam tanto na cidade quanto nas comunidades rurais, quando acontecem missas e novenas seguidas de leilões e cantorias. A Folia de Reis alegria a todos pelas roupas e músicas animadas, em especial, no distrito de Mercês de Água Limpa. As procissões e figurados da Semana Santa trazem grande reflexão. E os tapetes de Corpus Christi coloreem e enfeitam as ruas.

Ao visitar São Tiago, o Memorial Santiaguense é parada obrigatória. Lá estão preservadas quase 500 peças de valor histórico, artístico e cultural para o município.

Assim como a passagem pelo Espaço Forno na Praça, o rústico receptivo turístico incrustado no coração da cidade. A arquitetura colonial, o cafezinho e as quitandas direto do forno de barro propõem uma vivência sensorial inesquecível.

Depois desses encantos serem revelados, é hora de explorar as estrelas são-tiaguenses, sim, os biscoitos e o café, nossas especialidades da cozinha mineira. No ano passado, o município se tornou oficialmente a Capital Estadual do Café com Biscoito, um marco importante para a identidade local.

Desde o século 18, as famílias que se estabeleceram no antigo arraial recebiam os tropeiros, rumo ao norte do estado e a Goiás, com mesas fartas de café e quitandas deliciosas como biscoitos de fubá e polvilho.

As receitas passadas de geração para geração, continuaram a ser oferecidas aos viajantes ao longo dos séculos e servidas em eventos religiosos e/ou sociais como batizados, casamentos, funerais e outras festas.



Criança produzindo o seu próprio biscoito

O costume se fundiu ao desenvolvimento da cidade, que aproveitou a sabedoria para diversificar a economia local e gerar empregos. Na década de 90, as chamadas “padarias”, muitas de fundo de quintal, distribuíam os biscoitos inigualáveis regionalmente e para a capital. Hoje, a produção das quase 80 fábricas, que ainda mantêm traços artesanais, já chega em todo o país.

Então, saiba que em algumas dessas fábricas e em certos eventos no Espaço Forno na Praça, os turistas são convidados para colocar a mão na massa e aprender as preciosas e irresistíveis receitas de biscoitos e quitandas são-tiaguenses, sob orientação de experientes e gentis quitandeiras.

Enquanto que os produtores de café, oferecem cafés saborosos, especiais e até premiados em concursos. Assim como workshops sobre a bebida, que desvendam cada peculiaridade que o fruto carrega desde a sua origem.

SOBRE O AUTOR

Ana Luiza Vieira

Curiosa estudante de jornalismo. Mineirinha da terra do biscoito. Amante dos livros e dos vinhos. Apaixonada por histórias e tradições.

analuizavieirast@gmail.com



Varal de Histórias

“4º Concurso Literário” da Biblioteca Comunitária no “Cerrado” e na “Carapuça”



Sophia Dinelli, de São Tiago, assina texto vencedor do concurso em 2023. A edição, aliás, foi histórica, com cem participantes de todo o país escrevendo sobre “Lavadeiras”. O Sicoob Credivertentes foi patrocinador da iniciativa

Sophia Castro Dinelli

Era mais uma manhã ensolarada na nossa terrinha. Na cozinha de chão batido, como de praxe, minha avó tomava o seu café recém passado acompanhado da inconfundível broa de fubá — receita ensinada a ela pela bisavó. Envolverdo pelo ar fresco da aurora, aquele era o aroma que me despertava diariamente.

Um três vezes por semana, enquanto o orvalho ainda enfeitava a grama, minha avó seguia o seu caminho rumo à chamada mina — era dia de lavar roupa. Vale pontuar que, embora hoje a fonte fique praticamente dentro da cidade, naquela época, era um trajeto longo e repleto de histórias.

Assim, com sua bacia em mãos e equilibrando uma generosa trouxa de roupa na cabeça, vovó e outras senhoras desciam a trilha — cercada por imponentes eucaliptos — para uma extensa jornada que estava apenas começando.

Com o barulho de água ao fundo, as lavadeiras se organizavam como de costume para dar início aos afazeres. As conversas? Sempre animadas! Falavam sobre a filha da vizinha que ficara noiva, as travessuras dos netos, a missa de domingo, as novidades da pe-

quena cidade.

Passada de geração para geração, essa árdua tarefa fazia parte da rotina de inúmeras mulheres.

Com mãos calejadas e rostos marcados pelo sol, muitas aceitavam até encomendas feitas por pessoas de fora, a fim de arrecadar uma renda extra.

Para facilitar a lavagem, as roupas eram batidas nas pedras e, após parar na grama verde, eram finalmente estendidas. Utilizando anil e muita força nos braços, as peças brancas se destacavam nas cercas — os varais improvisados.

No horário do almoço, era minha tarefa descer até lá para levar a comida. Isso porque as lavadeiras ainda passariam mais algumas horas na fonte, até que a roupa estivesse seca e pronta para ser recolhida.

Ao entardecer, os dedos enrugados e os olhares cansados testemunhavam o fim de um longo e produtivo dia de trabalho. E assim, em meio a tecidos alvos e coloridos, o cotidiano se desdobrava. Um ofício que carrega consigo tantos causos e saberes, se transformara em um verdadeiro legado da simplicidade.

FOLCLORE

FOTO: INTERNET - FANTASIA.FANDOM.COM



O CAVALO FANTASMA OU O CAVALO INVISÍVEL

Trata-se de uma lenda principalmente do Sudeste do Brasil. O cavalo fantasma, segundo os crédulos, é um ente sobrenatural que assombra os fiéis que não respeitam os preceitos e ritos religiosos da Quaresma, antecedentes à Páscoa e a Ressurreição de Cristo. Para outros, acha-se relacionado a tesouros ou sinistros antigos, sendo o cavaleiro sobrenatural o guardião de alguma botija enterrada ou mesmo a velar por algo ou fatos macabros ali ocultos no tempo.

O cavalo, assim afirmam, passa galopando pela madrugada, em especial rente à janela da pessoa descrente ou impenitente, mormente aquelas que não obedecem e descumprem os preceitos da abstinência de carne, mortificação, purificação, caridade e jejum. Mesmo passando rente à janela, não se consegue vê-lo, tal sua rapidez e estágio de disparada, deixando tão só rastros misteriosos no solo e o som enlouquecido do galope que se distancia, noite adentro...

Pessoas que chegaram a “ver” a aparição, ainda que por frações de segundos, relatam ser o animal de excepcional porte, montaria reluzente e ajazada, cavalgado aparentemente por cavaleiro em luzente armadura, qual cena viva extraída de quadros medievais.

Tema tratado por folcloristas, repentistas, escritores, a exemplo do conto “O cavalo fantasma da estrada do engenho Barbalho” do livro “O cara de fogo” (Jayme Griz); “Cantos do encantamento” (Elias José); “Estudo sobre cavalos” (Clarice Lispector – Fund. Rui Barbosa), “Guadalupe: a fênix-luz e sua história” (Reinaldo Alves Mousinho) e outros autores pátrios.

Tema igualmente encontrado em textos de escritores de nossa região, dentre eles Gentil Ursino Vale (Resende Costa).

“As horas foram passando. O relógio da sala bateu as badaladas da meia noite (...). No comecinho da madrugada, ouviu ela um tropel de cavaleiro. O cavalo parou junto da calçada da frente. Ouviu perfeitamente o ruído característico do ato de desarrear o animal. Escutou o barulho produzido pelo atrito da caçamba dos estribos de encontro às pedras. Até o soprar do cavalo seus ouvidos captaram. Tempinho depois, o caminhar do animal rumo ao pasto. E a fazenda mergulhou no silêncio picotado de grilos e do canto dos galos. Augusta esperou tempão e nada. Ninguém bateu na porta...”

(Gentil Ursino Vale – “Estrelas Cadentes – Memórias” Divinópolis, Ed. Sidil, 1993, p. 20).

CAVALO E PSICANÁLISE

O mito ou simbolismo do cavalo está ligado ao inconsciente coletivo sugerindo velocidade, força, independência, liberdade, diligência, agilidade, majestade, ligeireza. Está conectado à nossa energia psíquica, à correlação/trânsito entre os mundos consciente e inconsciente, ao nosso processo de individuação e ao nosso potencial criativo e transformador.

Freud comparou a relação do ID e do EGO à de um cavalo (montaria) e a de um cavaleiro.

O cavalo, ainda que criado em um estábulo, não conhecendo a liberdade dos campos verdejantes, carrega a carga genética de ser livre, indomável, instintivo. É o retrato ou personificação do ID com sua natureza pulsional, propagativa. Embora oculto, restrito à escuridão do estábulo, inconscientemente, ei-lo ávido por satisfação e prazer. O EGO, por sua vez, ainda que nascido e criado numa fazenda, mantém contacto com o mundo exterior. É racional em suas atitudes e controla suas ansiedades. Assim, ao ver o animal no estábulo e ao pensar no prazer de montar e cavalgar mundo afora, avalia os prós e contras da atitude. Primeiro, “domar” o animal, treinar incansavelmente a montaria, traçar caminhos seguros para seguir a jornada.

Eis ainda em cena o SUPEREGO – o zelador do haras. Personagem que observa e vigia o cavalo bravo para que ele não arrombe portei-ras e fuja em disparada. Ei-lo ajudando/orientando o EGO inexperiente a montar, agindo, por vezes, de forma incisiva; cabendo ao EGO a observação, o juízo e a cobrança – pois, afinal, será ele (EGO) capaz de conduzir ou ser conduzido por seu cavalo?



AVISO PREMONITÓRIO

“Os tambores tocam para despertar os soldados, silenciando assim que estes se acham todos de pé e a postos” (Conceito literar e espiritualista).

Filhos de tradicional família da região, primos, amigos, companheiros de folgedos desde crianças, laços que se fortaleceriam, sobremaneira, quando colegas e alunos internos no antigo Ginásio Santo Antonio, de São João Del-Rei, inícios do século XX, onde cursaram ginásio e humanidades. Ambos, por razões diversas, abdicariam de cursos superiores, existentes, então, somente em capitais como Rio, São Paulo, Belo Horizonte. Tomariam rumos diferentes, um se dedicando à lavoura, outro ao comércio, que exigiam deste constantes viagens.

Eram ambos inteligentes, cavalheiros, elegantes no vestir e no falar. O viajante, principalmente por razões pessoais e profissionais, caprichava na indumentária. Vestiam-se consoante o figurino da época. Ternos que exibiam a silhueta esbelta, paletó de cintura alta, ombros estreitos, acessórios e detalhes como calças mais largas, corte alto, cheio de pregas na cintura e bainhas, pequena lapela, camisa branca, chapéu marca Fedora, à maneira gangster ou ainda de palhinha, sapatos modelo oxford de couro. Para trabalhos ternos que incluíam calças, colete e casaco. Para momentos formais, sociais, o uso de smoking, padrão preto clássico, com camisa branca plissada, engomada; colarinho descartável, sapatos pretos de verniz, a que se acresciam, conforme o gosto, gravata borboleta e cartola de chapéu coco ou acessórios com imitação de seda echarpe, gravata de lenço presa com um nó apertado e corrediço.

Mantieram os contatos e vínculos antigos, embora, na encruzilhada da vida, optassem por roteiros profissionais distintos. Um retornara à fazenda paterna, para administrar pessoalmente sua gleba de herança, dada a morte súbita de sua mãe, em circunstâncias inopinadas. O outro decidira ser representante comercial – cometa, como se dizia então – viajando por vasta região, a serviço de uma empresa atacadista do Rio de Janeiro, então capital do País. Viam-se, encontravam-se ocasionalmente em festejos, bailes, tertúlias comuns à época e se visitavam. Ambos ainda solteiros. Eram viagens estafantes a cavalo, em meio à poeira ou a lamaçais, conforme a estação do ano, por melhores as alimárias e peritos os cavaleiros.

Havendo folga, o primo viajante deslocava-se até a fazenda, a fim

de visitar e se confraternizar, por alguns dias, com o grande amigo e primo ruralista. Gostava de presentear-lo com algum perfume francês, de griffe, cuja fragrância espalhava-se pelo ambiente, tão logo manuseado. À chegada, quase sempre de forma desavisada, o viajante desarreava o animal, acondicionava as arreatas no cômodo de montarias, conduzia o animal esbaforido ao pasto fronteiro, para só depois dar as caras. Os cães da propriedade já acostumados, sequer se moviam com sua presença, contentando-se com leve latido, abanar fugaz de cauda. É que, por vezes, ou quase sempre, proprietário achava-se sobrecarregado, deixando-se absorver pelos serviços diversificados da propriedade (ordenha, limpeza, reforma de tapumes, cuidados com as criações), chegando as visitas no inesperado.

Iam bem os negócios para ambos, conquanto duras as lides tanto no campo quanto para o comércio itinerante. Subitamente, a trágica notícia. O primo viajante se enfermara, com o pior dos diagnósticos possíveis e impossíveis à época: hemoptise, tuberculose aguda. Tratamentos os mais drásticos se iniciaram e recrudesceram, o estigma do isolamento, da degradação social, até que viu-se forçado à internação em sanatório na cidade de Barbacena⁽¹⁾. Pressentindo algo de pior, o viajante dissera ao primo camponês, na última vez em que se encontraram: - caso me ocorra o pior, aviso-lhe, pessoalmente e em primeira mão!

Naquela noite, o sitiante – que era pessoa incrédula, racionalista em suas ações e reações - fora tomado por estranhos fatos. Estava já acostumado a manifestações, fossem naturais ou ditas sobrenaturais, por aquelas paragens ermas, ravinas pedregosas, o córrego fundo descendo a serra lamuriosa. Noite escura, praticamente nada se vislumbrando à visão comum. Primeiro, uma luz – ou melhor rastros luminosos – que se moviam, de forma ora cadenciada, ora oscilante, estrada abaixo, qual alguém com um lampião, com chamadas coruscantes, amplificadas, acicatadas por algum vento transitório. Pensou, incrédulo: deve ser algum foto-fátuo, um santelmo – caprichos da natureza...

Estranhou o forte, irradiante cheiro de perfumes no interior da casa, não encontrando, todavia, motivos, pois os frascos estavam

todos lacrados. Recolhendo-se ao leito, ouviu o tropel de um cavaleiro, cujas passadas, o trotar do cavalo, ao longe, aumentavam, até o ruído característico de porteira de entrada do curral se movendo, alvoroço de esporas e ferraduras se alternando, pisadas fortes estacionando próximas à porta da frente. O barulho típico de apear, de desarrear o animal, passos e cascos atritando-se contra as pedras e cascalhos, o abrir a porta do cômodo para a guarda dos arreios, a voz de alguém – óh, era do primo! - instando o animal rumo ao pasto. Levantara-se tão logo ouvira sinais vivos à porta, abrindo-a. Aguardou mais um pouco o retorno do primo que fora levar o cavalo até a pastagem. Nada. Os cães da fazenda dormindo a sono solto. Nisso bate à porta dos fundos. Para lá se dirigiu o morador. Ninguém. Batem sofregamente na janela da varanda. Abre-a. Somente o breu e o silêncio da noite. Seria o tal cavalo fantasma, cisma o morador por segundos⁽²⁾.

O sitiante retorna ao leito, e instintivamente olha o relógio carilhão da sala. Algo distinto parecia estar acontecendo, quicá uma forma de identificação pessoal, uma manifestação objetiva, consciente, sensitiva. Duas horas e dez minutos da madrugada, indicavam os ponteiros. Dia seguinte, recebe o comunicado, levado a todo vapor por um mensageiro da família. O primo e amigo falecera às 02:10 da manhã no sanatório em Barbacena!⁽³⁾ Sabe-se lá por que razões ou circunstâncias o espírito do jovem representante comercial, em transição para o além, viera até o sítio distante em despedida final ao dileto primo e amigo....

(narrado por papai – APO. Fato ocorrido na década de 1920).

NOTAS

(1) As pessoas marcadas pelo estigma da tuberculose, em especial nas primeiras décadas do século passado, eram isoladas de todos. O bacilo era transmitido pelo ar. Qualquer tosse inspirava a desconfiança alheia. Um laivo de sangue no lenço ou no travesseiro era a marca trágica da doença, assim como sintomas de emagrecimento, palidez, falta de apetite, fraqueza crônica, todos sinais, aos olhos alheios, de reconhecimento da tétrica enfermidade. Por causa da tuberculose, ou em nome dela, casamentos foram desmanchados, carreiras profissionais interrompidas, negócios destruídos. Ninguém queria ter, por perto, um doente grave ou levemente sintomático, provocando pavor a quem estava próximo ou sabia da doença portada pelo cidadão ou familiar.

Milhares de brasileiros contraíram a doença, incluindo compatriotas ilustres. A enfermidade, causada pelo bacilo *Mycobacterium tuberculosis* (*Bacilo de Koch*), somente com o desenvolvimento da vacina BCG, na década de 1930, seria eficazmente combatida. Sanatórios se instalaram, em especial nas cidades de clima frio, pacatas, para ali afastados e imunizados dos riscos de noitadas; mesmo capitais como Belo Horizonte seriam instalados grandes sanatórios, a origem da grande rede hospitalar hoje da capital mineira.

A doença afetaria inúmeras pessoas e famílias em nosso meio, sendo mencionada por memorialistas da região: Resende Costa - “Aos quinze minutos de jogo, mais ou menos, um acontecimento inesperado calou a galera e interrompeu a peleja. Totônio de Melo acabara de cair de bruços, vomitando sangue. Era a hemoptise, era a tuberculose que se declarava de maneira inesperada e cruel. As pessoas levaram-no para sua casa (...). Totônio nunca mais se recuperou. Com dois anos, apesar de todos os cuidados do pai, morreu o inteligente moço sem um fiapo de carne no corpo” (Gentil Ursino Vale – “Estrelas Cadentes” p. 29).

Sobre o tema – tuberculose e doenças infectocontagiosas do passado - ver matéria em nosso boletim nº CV – junho/2016.

(2) O mito do “cavalo fantasma” aparece em muitas culturas, sendo uma das lendas da região Sudeste do Brasil, com ramificações entre nós. Relatos há de muitas pessoas, em horas ermas, na cidade ou no meio campestre, que avistaram ou se defrontaram com um cavalo coruscante, ricamente paramentado, em desabalada carreira, olhos de fogo, relinchos altos e aterradores. Alguns estudiosos associam-no à figura do curupira com seus rodopios e malfeitos num país, como o Brasil, onde há miscigenidade e diversidade de crenças, ritos e mitos incorporados, ao longo dos séculos, pela cultura popular. Uma figura, em suma, de nosso riquíssimo e pouco estudado folclore.

(3) Os fenômenos sobrenaturais que envolvem sons são incluídos como comunicações tiptológicas e sematológicas. O cientista italiano Ernesto Bozzano (1862-1943) que estudou com acuidade o assunto, classifica os fenômenos em auditivos, visuais, tácteis, olfativos e físicos. Os olfativos e visuais podem ser coletivos (percebidos por todo um grupo de pessoas) ou eletivos (percebidos de forma individual ou eletiva). Modalidades de fenômenos psíquicos conhecidos pelos estudiosos como “poltergeist” (do alemão “poltern” fazer barulho e “geist” fantasma) ou psicocinesia recorrente espontânea (em inglês “recurrent spontaneous psychokinesis”, sigla RSPK) ou sejam manifestações ou ocorrências físicas espontâneas provocadas por agentes desconhecidos ou aparentemente inexplicáveis.

“Quando se realizam golpes e barulhos provocados à distância, pelo pensamento de um vivo são denominados “fenômenos de audição telepática”, quando as mesmas manifestações sucedem à morte de uma pessoa e em relação a essa morte...” (Ernest Bozzano – “Les Phenômenes de Hantise” (Os fenômenos de assombração). Paris, Librairie Félix Alcan, p. 128).

ESPECTROS

A porteira da colonial fazenda, tão logo alteava- a noite, batia seguidas vezes.

O ranger nítido, límpido das tábuas fustigando o batente

Tropel próximo de cavalos. Zunir de esporas

Relhos, rebenques açoitando o ar. Largas passadas pelos pátios

Por vezes, pesadas pancadas, sons abafados de rodas de liteira

Sinais de chegada de alguém, algum transeunte, algum nobre ou antigo senhor daqueles domínios e sesmarias

Horas mortas, por aquelas plagas

Ninguém!

O tilintar de grossas, roufenhas chaves

Alguém, enquanto caminhava pelos corredores do casarão, carregando barulhenta penca à cintura, buscava abrir cada porta

(ou fechá-las, quem sabe ?!)

Seco ricochetear de chaves pelas fechaduras

Evanescente clarão de candeia acesa a evolvar-se pelas telhas

Tão logo apagavam-se as lamparinas, assoprados os candeieiros

- providos a azeite de mamona, o morrão no fundo da vasilha

a estalar num réquiem de luz mortiça –

os retardatários da casa recolhidos ao leito, ah, aí!

Novo rumor provinha da vasta cozinha

Vultos, vozerios, gargalhadas, interstícios de silêncio e sisudez

Densa, fantasmagórica roda humana em torno ao braseiro que, súbito, se formara, se inflamara de labaredas, fumegantes tições

Antepassados de outras eras, dizia-se

Antigos moradores, tropeiros, cativos,

viandantes de outras beiras, por aquelas eiras,

ali palreando, lorotando, carteando, negociando

zaragatas, altercações, querelas...

Alguém vivo, sorrateiro, vezeiro buscasse uma espiada, de soslaio,

a coorte de fantasmas evaporava-se num átimo, no ar abrupto

e o solar tornava ao soturno, aos mistérios da comprida noite

Estranhos sentimentos – pausas da memória

A infantil, amedrontada mente

Cabeça aferrada ao travesseiro de paina

Súbitos silêncios, marulhos como se estivesse em alto mar

e a fazenda fosse um fantasmagórico navio tumbreiro

JPO 1970

SANTO CONTO | Aconteceu num casamento



LEÔNIDAS PELLEGRINI

Baseado em Jo 2, 1 – 11, e nas visões da Beata Anna Catharina Emmerich

Ele vinha com a pele queimada dos quarenta dias exposto ao sol do deserto, mas aquilo não parecia incomodá-Lo. Ia alegre, com vestes de festa, junto com a mãe e alguns amigos e primos, e todos eles O seguiam também alegres.

Chegaram quando a festa já ia começando, enquanto os convidados aguardavam os noivos, que não tardaram a chegar da sinagoga. O local era um belo jardim, onde havia música e dança, e três grandes mesas dispostas enfileiradas, repletas de frutas, cordeiro, pão, mel e vinho. Após cumprimentar os presentes, Ele abençoou os jovens noivos, e então todos viram irradiar do casal um leve brilho.

Sentou-se com a mãe e os Seus na mesa do meio, e entre jogos, brincadeiras e conversas animadas, passou a ensinar. Os que O cercavam, e mesmo os que se sentavam nas mesas dos lados, escutavam-No com atenção, procurando sorver e assimilar cada uma de Suas palavras. E assim seguiam os festejos, com boa música, dança, boa comida e a melhor das companhias.

No auge da festa, no entanto, acabou o vinho. Ele ainda ensinava, e para além daqueles olhos fixos e atentos n'Ele, podiam-se ouvir alguns cochichos e murmúrios. Maria então O interrompeu, e, fitando-O com um olhar humilde, súplice, informou:

– Filho, não há mais vinho.

Ele se comoveu com aquele olhar em que transbordava a generosidade e a pureza do coração de Sua mãe, mas respondeu-lhe ain-

da como Pedagogo:

– Mulher, que nos importa a mim e a ti isso? Ainda não chegou a minha hora.

Ela curvou-se humildemente, mas logo em seguida dirigiu-se a dois dos serventes que estavam ao seu lado e lhes instruiu:

– Fazei tudo o que Ele vos disser.

Ele pediu aos dois rapazes que enchessem de água seis grande talhas vazias que se encontravam ali perto, e assim eles obedeceram, enchendo-as até o topo. Ele então lhes disse:

– Tirai agora e levai ao mestre despenseiro.

Os dois novamente obedeceram, e quando o despenseiro tomou aquela água que, sem que ele soubesse, havia sido transformada no melhor vinho que já provara, muito maravilhou-se. Chamou à parte o jovem, que àquela hora dançava alegre, ainda ignorando a falta da bebida:

– Senhor, todo homem põe primeiro o bom vinho, e, quando já os convidados têm bebido bem, então lhes apresenta o inferior; tu, ao contrário, tiveste o melhor vinho guardado até agora!

O jovem ficou um tanto confuso com aquelas palavras, mas agradeceu e voltou a dançar com sua esposa. Em meio à alegria da festa, enquanto todos já provavam daquele vinho maravilhoso, Ele e mãe trocaram um olhar de cumplicidade e ternura. Sua hora havia chegado.